

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E LETRAS
CURSO DE GEOGRAFIA LICENCIATURA

LUANA DOS REIS SILVA

**SENTIDOS E EXISTÊNCIA:
GEOGRAFICIDADES NA OBRA “MIOLO DE POTE DA CACIMBA DE BEBER”
DE LÍLIA DINIZ**

Imperatriz – MA
2023

LUANA DOS REIS SILVA

**SENTIDOS E EXISTÊNCIA:
GEOGRAFICIDADES NA OBRA “MIOLO DE POTE DA CACIMBA DE BEBER”
DE LÍLIA DINIZ**

Trabalho de conclusão de curso na Modalidade Monografia, apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Sociais e Letras - CCHSL, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão- UEMASUL, como requisito para a obtenção do grau de licenciatura em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Luciléa Ferreira Lopes Gonçalves.

LUANA DOS REIS SILVA

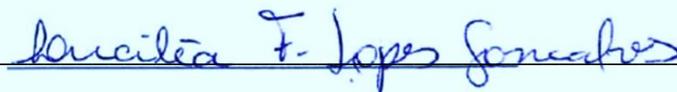
**SENTIDOS E EXISTÊNCIA:
GEOGRAFICIDADES NA OBRA “MIOLO DE POTE DA CACIMBA DE BEBER”
DE LÍLIA DINIZ**

Trabalho de conclusão de curso na Modalidade Monografia, apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Sociais e Letras - CCHSL, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão- UEMASUL, como requisito para a obtenção do grau de licenciatura em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Luciléa Ferreira Lopes Gonçalves

Aprovado em 17/01/2023

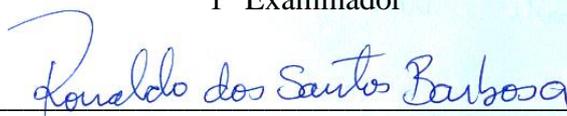
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Luciléa Ferreira Lopes Gonçalves
Orientadora



Profa. Dra. Keilha Correia da Silveira
1º Examinador



Prof. Dr. Ronaldo dos Santos Barbosa
2º Examinador

S586g

Silva, Luana dos Reis

Sentidos e existência: geograficidades na obra “Miolo de pote da cacimba de beber” de Lília Diniz. / Luana dos Reis Silva. – Imperatriz, MA, 2023.

43 f.; il.

Monografia (Curso de Licenciatura em Geografia) – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Imperatriz, MA, 2023.

1. Geografia cultural. 2. Análise literária. 3. Interdisciplinaridade.
4. Miolo de pote da cacimba de beber. 5. Lília Diniz. 6. Imperatriz - MA

I. Título.

CDU 911.3:82.09

Ficha elaborada pelo Bibliotecário: **Jéssica Santana Lima CRB13/894**

AGRADECIMENTOS

Até este momento nunca havia pensado muito no que sou grata, a vida é sempre tão difícil, por que a agradecer? Mas hoje percebo que são nessas dificuldades que encontramos os motivos mais fortes para viver, os momentos mais energizantes e as pessoas mais bondosas, que tornam os momentos difíceis suportáveis.

Por isso agradeço a terra por me re-energizar sempre que estou exausta e por me alimentar, ao ar que por mais que as vezes me falte, sempre está me rodeando, acompanhando alegria e tristeza, prazer e dor, agradeço a água que limpa as impurezas e refresca, e ao fogo que aquece.

Agradeço aqui as almas que me impulsionaram a continuar sempre, agradeço a Luciléa, minha orientadora, mentora, auxiliadora e amiga a quem estimo imensamente, tornou meus dias difíceis passíveis de se superar e me alimentou com sabedoria e conhecimento.

Agradeço Antonia Carolina que me acompanhou de em quase todas as etapas da minha graduação, encontrei nela não só uma colega de sala, mas uma amiga para a vida inteira.

Agradeço as minhas amigas, Lidiene, Natália, Maria, Maria Vitória e Karolayne, que tanto me fizeram rir como acompanharam minhas lágrimas, agradeço a minha amada irmã Lígia que por ser um lindo passarinho em meu ninho a quem fiz questão de cuidar, fez da responsabilidade meu suporte.

Agradeço a Paulo Vinicius e Karem Izabella que do nosso lar me ajudaram, e apoiaram cotidianamente, estenderam o braço quando estava prestes a cair, e me ofereceram o obro quando o choro ficava entalado na garganta.

Agradeço a meus inúmeros amigos e colegas que me acompanharam durante essa jornada que foi minha graduação, agradeço à minha família, minha mãe Luijam, minha irmã Laylla e meu pai Aécio Charles, aos professores do curso de Geografia e agradeço à UEMASUL.

Existe prazer nas matas densas.
Existe êxtase na costa deserta.
Existe convivência sem que haja intromissão no mar
profundo e música em seu ruído.
Ao homem não amo pouco, porém muito a natureza.

Lord Byron

RESUMO

Os estudos em geografia cultural expandiram seus horizontes a partir da década de 70, trazendo diversas discussões dentro da interdisciplinaridade como as de geografia e literatura. Este trabalho de conclusão de curso traz a análise de conceitos geográficos dentro da literatura do livro “Miolo de pote da cacimba de beber” da autora Lília Diniz. Navegando em sua literatura é possível identificar geografidades e paisagens características da região que circunda o município de Imperatriz-MA, provando ser possível usar a literatura para identificar as geografidades e paisagens, e provando também, ser possível fazer uso da literatura como documentos que representam realidades, coletividades e especificidades regionais. Esta temática surge a partir de um Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), que possuía a temática “geografia e literatura”, dessa forma, seguiu-se o método teórico da pesquisa, a fenomenologia, com abordagem qualitativa. Como resultado esta monografia apresenta a análise da obra “Miolo de pote da cacimba de beber” identificando as geografidades e/ou paisagens contidas em cada parte da obra, separada em: terra; fogo; água; e ar. As geografidades encontradas são várias, desde os pés descalços que dançam tambor de crioula, até as mão calejadas que quebram o coco para sobreviver, da mesma forma, as paisagem percorrem as mais diversas sensações, o cheiro do coco, das flores e da sucupira, o som dos tambores, machados e murmurar da água, a imagem amarela das flores de Ipê, as fitas do boi e o verde da palmeira. Nos diversos poema da obra as palavras possuem tanta corpulência que parecem ser capazes de sangrar, em suma, este trabalho de conclusão de curso mostra que por meio da literatura podemos não só conhecer uma região, mas também senti-la e vivenciá-la. Por meio de textos literários a ciência é capaz de fluir tão facilmente e talvez até de forma mais pungente que em dados numéricos, identificando conceitos como os de geografidades e paisagens trabalhados aqui.

Palavras-chave: Literatura e Geografia; Geografidades; Paisagens.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	03
1.1 Metodologia.....	04
2. APORTES TEÓRICOS DA RELAÇÃO ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA. 08	
2.1. geograficidades	08
2.2 paisagem	09
2.3 geografia das emoções	11
2.4 geografia e literatura	14
3 GEOGRAFIA EM TEXTOS LITERÁRIOS, AS GEOGRAFICIDADES NO TEXTO DE LÍLIA DINIZ.....	18
3.1 Geograficidades e paisagens em o “Miolo do pote da cacimba de beber”	20
3.1.1 Terra.....	21
3.1.2 Fogo	26
3.1.3 Água.....	27
3.1.4 Ar	30
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa interdisciplinar avançou na Geografia a partir da década de 1970, período no qual a geografia cultural passa a expandir seus temas de análise. Com os estudos de Carl Sauer, a escola de Berkley introduziu nos estudos da paisagem, os aspectos culturais, deslocando as interpretações do determinismo ambiental nos estudos das relações homem e ambiente na Geografia. No entanto, a centralidade desses estudos da escola de Berkley centrados nos aspectos morfológicos da paisagem cultural, não se sustentaram após a Guerra Mundial, dando espaço para a renovação dos estudos culturais.

Dessa forma, desde a renovação da Geografia - principalmente quando tratamos da geografia cultural - esta tem se aliado a outras áreas do conhecimento para ampliar sua capacidade de análise do espaço geográfico. Assim, a Geografia aproximou-se com da Sociologia, Filosofia, Psicologia e também da Literatura e da arte. Sendo que, a partir de estudos interdisciplinares entre geografia e literatura, encontrar em textos literários vários elementos de cultura, coletividade e simbolismos.

A ausência de leitura de textos literários local e regional nas escolas e universidades do Brasil torna o ensino – a nível cultural, social e histórico – carente, visto que a literatura está repleta de geograficidades e paisagens que representam a cultura em várias escalas espaciais. A falta de aproximação com a literatura pelas massas, enquanto documento que representa realidades, coletividades, geograficidades e especificidades por meio de personagens carregados de emoções interfere na formação do indivíduo enquanto ser dotado de cultura.

De acordo com Suzuki (2017) as análises de literatura pela Geografia se iniciam em meados do século XX, no período atual o número de trabalhos com a temática geografia e literatura cresceram de maneira significativa, no ENANPEGE (Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia) no ano de 2011, houveram 12 textos apresentados no encontro com a temática geografia e literatura.

Por meio destes estudos crescentes dentro da geografia cultural, podemos então reconhecer as geograficidades e paisagens contidas nas linhas de textos, contos e poemas que representam de forma única os espaços, apresentam de forma complexa o conceito de lugar e de pertencimento. Algumas questões para o desenvolvimento do projeto de Iniciação Científica foram elaboradas como as apresentadas: É possível identificar as geograficidades e paisagens na literatura? Os livros podem ser documentos que representam realidades, coletividades e especificidades regionais? Qual a importância destes estudos para a sociedade?

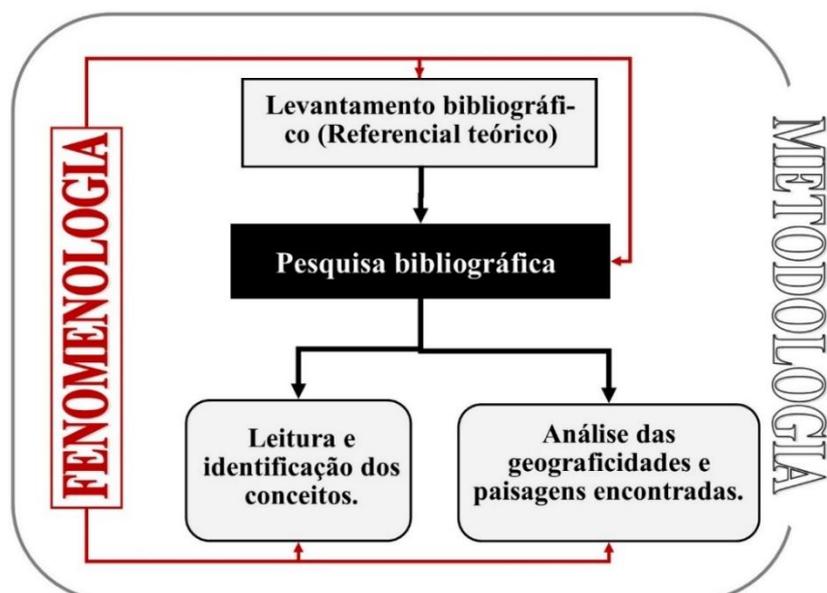
Não sem análises profundas da literatura de Imperatriz e região, poder-se-ia responder a estes questionamentos. Nessa perspectiva, esta monografia apresenta os resultados das pesquisas desenvolvidas no projeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da UEMASUL e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), que possuía a temática “geografia e literatura”, temática que encantou-me, então, a partir desta temática este Trabalho de Conclusão de Curso será construído, ela discutirá sobre as geograficidades e as paisagens na literatura de “Miolo de pote da cacimba de beber” da autora Lília Diniz (2017).

Na compreensão de que a produção literária possui as singularidades de cultura, os objetivos da pesquisa desenvolvida foram: Identificar as geograficidades e paisagens no texto literário de “Miolo de pote da cacimba de beber”; investigar a literatura de “Miolo de pote da cacimba de beber” como documentos que representam realidades, coletividades e especificidades regionais; e analisar a importância destes estudos para a sociedade.

1.1 Metodologia

Para atingir os objetivos apresentados, a pesquisa deste trabalho de conclusão de curso tem caráter qualitativa, o procedimento empregado é a pesquisa bibliográfica (conforme apresentado no mapa conceitual na figura 01) por meio da obra “Miolo de pote da cacimba de beber” da autora Lília Diniz (2017), obra esta que permite a identificação de diversos conceitos da Geografia em suas páginas, dentre eles, as geograficidades e paisagens.

Figura 01. Metodologia aplicada na pesquisa.



A escolha da obra se deu por meio do contato que tive durante o Projeto de Iniciação Científica onde fui bolsista durante os primeiros anos de graduação, que possui a temática “geografia e literatura” dentro deste projeto tive contato com 11 obras da Academia Imperatrizense de Letras, durante o projeto encantei-me com o livro “Miolo de Pote da Cacimba de Beber” e decidi trabalhá-lo sob a perspectiva dos conceitos geográficos “Geograficidades” e “Paisagem” de Dardel, conceitos que fazem parte de meus estudos contínuos dentro da Geografia Cultural.

O método teórico adotado no trabalho é a Fenomenologia praticada dentro da geografia cultural e neste texto com as contribuições de Dardel (2011) com sua geografia fenomenológica, que convida os geógrafos a interpretar a atividade humana não somente e pela materialidade, mas também tendo a Terra como um atlas aberto a decifrar. Igualmente de Merleau-Ponty (1999, p.01) que apresenta a fenomenologia como “[...] estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir as essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo.” ainda completa “[...] e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua facticidade”. (MERLEAU-PONTY 1999, p.01) Esta colocação de Merleau-Ponty se refere a fenomenologia da percepção das sensações, das essências.

De acordo com Kashiwagi (2011, p. 133) a fenomenologia trata-se de “[...] uma investigação na esfera da evidência pura, da investigação das essências, do campo absolutamente dado em si.” Segundo Kashiwagi (2011, p. 146) “A Fenomenologia, como no princípio já propunha Husserl, era fundamentalmente um método, o qual já teria provado sua riqueza em outros domínios disciplinares, apresentando-se como uma nova dimensão aos estudos geográficos. ”

Ao discutir os estudos de Relph (1979) sobre fenomenologia, Kashiwagi (2011, p. 147), expõe que o mesmo tem uma ciência mais atenta ao homem, pois “Considerava o aporte metodológico da Fenomenologia com condições ideais para o projeto humanístico, pois permitia resgatar os aspectos desvalorizados e esquecidos da Geografia tradicional”.

Guiada pela fenomenologia de Dardel (2011) e Merleau-Ponty (1999), e pela geografia das emoções que entende as relações humanas com o espaço, Da Silva (2016, p.100) apresenta “[...] a geografia das emoções defende a ideia de que as emoções são também fenômenos espaciais, avançando nas discussões propostas por outras áreas de conhecimento que apresentam o tema a partir de questões sociais, culturais, biológicas e psicológicas. ” O conceito de lugar, tem um papel primordial para o estudo e a compreensão das discussões acerca da

geografia das emoções “[...] visto que tal conceito prioriza as experiências, vivências e sentimentos das pessoas.” (DA SILVA 2016, p.100).

Ainda que se trate de um campo recente da Geografia, a geografia das emoções, ou geografia emocional tende a fornecer um sentido ainda mais profundo sobre o lugar, já que se trata de experiências e vivências “A geografia emocional refere-se à experiência emocional e à leitura sensível dos lugares, às sensações e aos sentimentos que integram as paisagens” (FURLANETTO, 2014, 106).

Esta análise mais sensível e fenomenológica será feita neste trabalho, por meio dos conceitos de geograficidade e paisagem, apresentados por Dardel (2011), Relph (1979) e Negreiros (2012). Para Dardel (2011, p.1,2 Grifo do autor),

Geograficidade é existência, é a inserção do elemento terrestre na vida do homem. Geograficidade se refere a essa cumplicidade obrigatória entre a Terra e o homem em que se realiza a existência humana. “Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma *geograficidade* do homem como modo de sua existência e de seu destino.

O conceito de geograficidade não se restringe a laços afetivos, nem se divide entre apreciação estética e contato físico como Tuan (2012) classifica em seu livro Topofilia, mas abrange as formas de sobrevivência e subsistência do indivíduo que não por via de regra possui uma relação afetiva. Para Tuan (2012, p.136), “topofilia” se define “em sentido mais amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material”.

A paisagem de Relph (1979) e Negreiros (2012) apresenta uma concepção de espaço vivido, se trata de uma paisagem dotada de sensações, imagens, cheiros, texturas e sabores. Ao contrário da paisagem vendida por alguns pintores e pelas agências de turismo, essa paisagem é vivenciada inúmeras vezes, uma paisagem do cotidiano - de momentos que se repetem dia após dia, e carregam inúmeros significados.

Este trabalho de conclusão de curso está organizado em: aporte teóricos onde é apresentado os conceitos de geograficidade e paisagens, assim como a geografia das emoções e a geografia e literatura; geografia em textos literários; as geograficidade no texto de Lília Diniz, no qual apresenta um pouco da biografia da autora; e “Miolo do pote da cacimba de beber”, que está dividida em quatro partes, assim como a obra literária - Terra, fogo, água e ar - apresentando as geograficidade paisagens nos poemas de cada parte.

Quadro 01. Conceitos Teóricos

CONCEITOS TEÓRICOS	
DARDEL	Geograficidade: “Geograficidade é existência, é a inserção do elemento terrestre na vida do homem.” (DARDEL, 2011, p. 01)
DARDEL	Paisagem: “[...] a paisagem não é, em sua essência, feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social.” (DARDEL, 2011, p.32)
FURLANETO	Geografia das emoções: “A geografia emocional refere-se à experiência emocional e à leitura sensível dos lugares, às sensações e aos sentimentos que integram as paisagens.” (FURLANETTO, 2014, 106).
MARANDOLA JR	Geografia e literatura: “[...] a literatura, ao mesmo tempo, é formada e transforma o chão social, cultural, histórico e geográfico sobre o qual nasceu, e que lhe conforma organicidade e sentido.” (MARANDOLA JR, 2009, p.492).

Org.: Autora (2023)

2 APORTES TEÓRICOS DA RELAÇÃO ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA

A Geografia é dotada de diversos conceitos e inúmeras chaves de interpretação, considerando claro, a dualidade da ciência geográfica. Como todo trabalho científico, este apresenta conceitos principais que fazem parte da análise da obra literária aqui apresentada. Para melhor entendimento apresentar-se-á os principais conceitos que guiam esta análise – Geograficidade e paisagem – e também, a chave de interpretação – geografia das emoções – e um texto sobre geografia e literatura para maiores esclarecimentos.

2.1. geograficidades

A geograficidade surge com Érick Dardel, em sua obra “O Homem e a Terra”, (2011) ela compreende a relação do ser humano e os lugares pelo qual perpassam. Segundo Gonçalves (2016, p.89), “A compreensão de geograficidade está na relação entre as pessoas e os lugares, lugares compreendidos como o encontro com os sujeitos, espaço experienciado, vivido.” Desta forma, o conceito de lugar passa a pairar pela paisagem, priorizando a relação entre o homem e a Terra.

A paisagem se unifica em torno de uma tonalidade afetiva dominante, perfeitamente válida, ainda, que refratária a toda redução puramente científica. Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua geograficidade original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização. Presença atraente ou estranha, e, no entanto, lúcida. Limpidez de uma relação que afeta a carne e o sangue (DARDEL, 2011, p. 31).

Nessa compreensão, o espaço é um espaço vivido que abarca manifestações antropológicas ligadas intimamente ao espaço geográfico. O espaço geográfico material de Dardel então, só se manifesta por meio da interação humana, que vivencia e adjetiva o espaço “A planície só é “vasta”, a montanha só é “alta”, a partir da escalada humana, à medida de seus desígnios.” (DARDEL, 2011, p.08) o autor destaca ainda:

A montanha responde a uma geografia ascensional da alma, a uma vocação pela elevação e a pureza. ““minha vocação” dirá Hölderlin, “é de cantar aquele que é mais alto que eu”. O homem demanda à montanha um simbolismo da altura moral, ao mesmo tempo que a satisfação de uma vontade de escalar e ascender. (DARDEL, 2011, p.17)

A visão do indivíduo e sua relação para com o espaço variam de acordo com as experiências, seu modo de pensar, a cultura assimilada por ele e a sensação de pertencimento que o permeia. Dardel (2011) apresenta este espaço percebido de forma clara, e em opiniões diversas, assim como para Hölderlin ““a pureza radiosa de Deus manifesta sua glória na alta

montanha” e Nietzsche, apresenta como um áspero desafio “Uma vereda que subo com insolência, uma vereda má e solitária, uma vereda de montanha criada sob o desafio dos meus passos” (DARDEL, 2011).

Esse espaço que Dardel (2011) dividiu em: material, telúrico, aquático, aéreo; apresentam o que o autor chama de a “face da terra” uma apresentação do espaço geográfico sensível e vivido. Desta forma, “A realidade geográfica é, para o homem, então, o lugar onde ele está, os lugares de infância, o ambiente que atrai sua presença. Terras que ele pisa ou onde trabalha, o horizonte do seu vale, ou a sua rua, seu bairro, seus deslocamentos cotidianos através da cidade. ” (DARDEL, 2011, p.34)

2.2 paisagem

Configurando-se em uma das primeiras categorias geográficas, a paisagem passou por diversas mudanças ao longo do tempo, no início da sistematização da Geografia o conceito de paisagem definia somente aquilo que a vista alcança, afinal, os primeiros registros de paisagens ocorreram em formas de pinturas, de acordo com Seemann (2007, p.53) do início “[...] do século XV até o fim do século XIX, a ideia de paisagem possuía a denotação de uma representação artística e literária do mundo visível na qual o cenário era visto por um espectador” todavia, o conceito de paisagem é anterior à civilização humana, desde que há pessoas para vivenciar a paisagem, ela existe.

No romance *Levantado do Chão*, publicado no começo dos anos 80, o escritor português José Saramago (1999) afirma a onipresença e persistência e perseverança da paisagem como ela é concebida pelos homens: “O que há mais na terra, é paisagem. Por muito que do resto lhe falte, a paisagem sempre sobrou, abundância que só por milagre infatigável se explica, porquanto a paisagem é sem dúvida anterior ao homem, e apesar disso, de tanto existir, não se acabou ainda” (SEEMANN, 2007, p.52).

Baseado nas leituras de Rougerie e Beroutchatchvili (1991) Maximiano (2004) afirma que a construção do conceito paisagem ocorreu “Na Alemanha do século XVIII, Humboldt fez referência à paisagem demonstrando seu interesse pela fisionomia e aspecto da vegetação, pelo clima, sua influência sobre os seres e o aspecto geral da paisagem, variável conforme a natureza do solo e sua cobertura vegetal.” (MAXIMIANO, 2004, p.85). Claval (2012, p.248) por sua vez apresenta a paisagem de Humboldt:

Olhando o dorso das Cordilheiras como uma vasta planície limitada por cortinas de montanhas distantes, nos acostumamos a considerar as desigualdades do cume aos Andes como se fossem picos isolados. O

Pichincha, o Cayambe, o Cotopaxi, todos esses picos vulcânicos que designamos por nomes particulares, até mais da metade de sua altura total constituem uma massa única, parecendo aos olhos dos habitantes de Quito, como montanhas distintas que se elevam no meio de uma planície desprovida de florestas[...]. (HUMBOLDT *Apud* CLAVAL 2012, p.248).

Neste ponto impera a descrição física e visível da paisagem. Com o passar do tempo, o conceito de paisagem pela Geografia passou a adquirir novas roupagens, diferente da paisagem de Humboldt, Sauer nos anos de 1925, com a publicação do *The Morphology of Landscape*, passa a inserir o termo paisagem cultural, na obra Sauer passa a fazer discriminação entre a paisagem natural, que precede à ação antrópica, e a paisagem cultural que reconhece o homem como agente modelador desta paisagem (CARVALHO & MARQUES, 2019, p.84). Os estudos de Sauer sobre paisagem alavancaram os conceitos da geografia cultural mesmo antes do declínio da escola de Berkley apesar de ainda considerar a visão material da paisagem.

A paisagem de Sauer (1998) apresentado por Maximiano (2004) passa então a considerar “[...] que região e área são, em certo sentido, termos equivalentes a paisagem. Esta, seria um conceito de unidade da Geografia, ou, uma associação de formas diversas, tanto físicas como culturais.” (MAXIMIANO, 2004, p.87).

Em sua obra o “Homem e a Terra” Dardel (2011) apresenta o conceito de paisagem a partir da relação intrínseca que o homem possui com a Terra propriamente dita, afinal, é o percebimento humano deste espaço que geram-se manifestações e materializações que fazem parte de muitos conceitos geográficos. Nas palavras de Dardel:

[...] a paisagem não é, em sua essência, feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social. Nos países da morte lenta, a fome impõe sua presença lúgubre e obsessiva à paisagem inteira. (DARDEL, 2011, p.32)

Dentro das discussões mais recentes de paisagem, Relph (1979) apresenta que “Esses ambientes palpáveis são paisagens, que não somente possuem conteúdo e substância mas também são os cenários significantes das experiências diárias e das excepcionais” (RELPH, 1979, p. 13). Na definição de Dardel (2011, p.30) a paisagem é “mais que uma justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma ‘impressão’, que une todos os elementos”. É um conceito complexo de paisagem que a relaciona com a categoria lugar, primeira categoria da Geografia, para estudos ligados ao homem e seu espaço vivido. Ainda de acordo com Dardel:

A paisagem se unifica em torno de uma tonalidade afetiva dominante, perfeitamente válida, ainda, que refratária a toda redução puramente científica.

Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua geograficidade original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização. Presença atraente ou estranha, e, no entanto, lúcida. Limpidez de uma relação que afeta a carne e o sangue. (DARDEL, 2011, p.31)

Negreiros *et. al.* (2012, p. 06) por sua vez apresenta uma discussão de paisagem em sua poética, a paisagem como um processo no qual as identidades são formadas, além de um lugar de apropriação visual. Na mesma obra, Rosendahl (NEGREIROS *et. al.* 2012, p. 46) ao enfatizar a paisagem a partir do ponto de vista da geografia cultural aponta que “Os geógrafos focalizam a maneira como os grupos criam paisagens e, por sua vez, têm sua identidade cultural reforçada por essa paisagem.”

Em suma, o conceito de paisagem que atende às necessidades desta pesquisa, são conceitos de paisagens encontrados em Dardel (2011) que considera a paisagem como “um momento vivido”, um espaço de experiências e identidades, reconhecendo o homem como agente que cria e recria esta paisagem.

2.3 Geografia das emoções

Assim como em vários campos da geografia humana, e assim como se deu com a geografia cultural, a partir dos anos 1970, houvera uma renovação nas abordagens das emoções na Geografia, segundo Da Silva (2016, p.105) é por meio da crítica feita pela geografia feminista e humanista nos anos 70 que apresenta “a pouca abordagem das emoções na Geografia e as tendências “desumanizadoras”, que é apresentada a importância de um novo campo de estudos, com aportes na fenomenologia, no existencialismo e na geografia cultural, por exemplo.”

A geografia das emoções segue uma linha interdisciplinar, e utiliza principalmente do ponto de vista da antropologia e da sociologia para entender as emoções e analisar “[...] a relação das pessoas e o espaço a partir das emoções, buscando compreender qual a dimensão emocional das representações espaciais, tendo, portanto, as pessoas como centralidade.” (DA SILVA 2016, p.104).

Sobre essa compreensão da geografia das emoções Da Silva (2016) pautada em Andreotti (2013) apresenta:

A proposta da geografia das emoções, portanto, busca interpretar o real para além das teorias matemáticas, comuns na ciência no geral e na geografia racionalista que, por sua vez, têm predominância de pressupostos positivistas, que consideram o mundo como uma trama de relações causais, e cujo método é um empirismo indutivo, racionalista, decididamente antimetafísico. O

interesse da geografia das emoções se dá pelo espaço vivido, que possui diferentes tonalidades e que não pode ser reduzido à racionalidade científica (DA SILVA 2016, p.107).

Da Silva (2019), em seus vários textos sobre a geografia das emoções aponta para o entendimento do espaço por meio das emoções, para a mesma, “[...] as pesquisas que buscam entender o espaço através da questão emocional apontam que as emoções são importantes porque afetam a forma como sentimos o nosso passado, presente e futuro.” (DA SILVA 2019, p.42). Ainda, com base nas literaturas de Bondi (2007) e Smith (2009) Da Silva (2019) afirma:

A virada emocional na Geografia busca reconhecer a importância das emoções em nossas interpretações e entendimentos do mundo. Ao refletir sobre as espacialidades e temporalidades das emoções, entendemos que grande parte da importância simbólica dos lugares decorre da sua associação emocional. O debate poderia ser entendido como o exercício de uma imaginação geográfica e de um desejo de tornar a geografia mais completa. (DA SILVA 2019, p.42)

Ao analisar os objetivos da geografia das emoções, chega-se ao entendimento que o conceito geográfico que mais fornece um entendimento sobre a geografia das emoções é o lugar, este conceito leva em conta o sentimento para com o lugar, as vivências e experiências, por meio do lugar, é possível analisar-se uma gama de emoções que envolvem e são envolvidas pelo espaço. Sobre esses sentimentos Furlanetto apresenta:

Os lugares são como as pessoas: é a emoção que nos faz descobri-los. Se deseja um lugar como se deseja um ser amado... É possível, literalmente, apaixonar-se por um lugar. E porque os lugares recolhem as nossas memórias e os nossos desejos profundos, podemos dizer que se viaja para descobrir a própria geografia interior” e “aspectos muito delicados da própria geografia emocional. (FURLANETTO, 2014, p.216)

Pelo o que foi exposto, pode-se dizer que a geografia das emoções enriquecem a compreensão de certos fenômenos espaciais, dos quais segundo Da Silva “não somente porque elas dão atenção particular às experiências espaciais vividas pelo (s) sujeito(s), mas também porque se propõem a integrar uma dimensão sensível que frequentemente ainda faz falta às análises geográficas, e isso principalmente por razões metodológicas.” (GUINARD; TRATNJE *Apud* DA SILVA 2016, p.110) Essas dimensões sensíveis que faltam nas análises geográficas têm sido alvo de muitos trabalhos sobretudo dentro da geografia cultural.

A poética de Queiroz Filho carrega consigo uma geografia não só sensível, mas emocional, quando dá sensações e cores ao mar e dota todo o poema de sensações pelos elementos naturais.

Da ampla janela envidraçada deste quarto de hotel contemplo o mar cintilante de uma manhã primaveril de Maceió. Os livros me dizem que se trata do Oceano Atlântico, aquele nascido da deriva continental que criou nossa orfandade.

Este mar é verde, azul, anil e até borrado de terra-lama, mas pela manhã ele é dourado. Espumante na proximidade do olhar, dourado em sua tonalidade. Da janela, que enquadra, me sinto preso-limitado e ao mesmo tempo focado. Se me projeto pela abertura, sinto a vastidão da linha da costa e busco o ponto de fuga que se alinha no horizonte. Em vão. Solto no espaço, o olhar oscila, entre céu, terra e mar.

Qual delas é a escritura mais efetiva? A fluidez aquosa e oscilante da água, a dispersão e compressão do ar ou a solidez entre fissuras e compactações da terra?

Pergunta inútil, a não ser que nos permita o movimento, a derivação e o tensionamento sem pretensão de solução. Afinal, essas escrituras expressam “modos de”... de que? (QUEIROZ FILHO, 2019, p.14)

Da mesma forma Eduardo Marandola Jr. traz suas contribuições acerca da reflexão do texto poético na própria obra do poeta Queiroz Filho:

Esta é uma das forças de “Do sensível, poesia (outros modos de grafar o mundo)”: pensar e colocar em movimento estes “modos de...” (a inclusão das reticências se fez necessária a partir daqui) em tensão com a linguagem, pela linguagem, para a linguagem. Nele, o geógrafo Antonio Carlos Queiroz Filho, faz isso pela poesia e pela sensibilidade em direção a um Do Sensível, poesia outro modo de pensar e fazer a geografia. Esta se converte em devir, em entendimento, em sentir, em movimento. Poesia. (QUEIROZ FILHO, 2019, p.14)

A geografia das emoções pode então ser aplicada à literatura, por meio de textos, poemas, contos e romances é fácil de perceber as emoções do autor acerca de algo, expressa-se de tal forma que possamos vivenciar por meio dos personagens, Alves (2015, p.34) apresenta em seu artigo, diversos comentários e interpretação de obras, como Luís Quintais sobre o poema do autor como análise geográfica, “Talvez se possa demonstrar, apenas com a palavra poética, como essas duas paisagens demarcadoras de nossa cultura ocidental: a floresta / a cidade unem-se no pensamento crítico sobre a habitação contemporânea do mundo.” Em uma outra passagem de seu texto, Alves apresenta um poema carregado de emoções:

Poema XXVIII

Ligar o mundo por um istmo, um canal de sangue e virtude.

Ligar o mundo pela fronteira incendiada, destruída até ao raso chão.

Escutar. Rente ao chão depositar o rosto, depois seguir caminho, como quem do chão pede um segredo, uma verdade num corpo e numa alma, como nos

disse o vidente.

Assim deposito o rosto nesse chão e escuto atentamente a anónima violência, o metálico som da cidade. (ALVES, 2015, p.34).

Por fim, a geografia das emoções proporciona meios para a geografia cultural faça suas interpretações e estudos de forma mais fenomenológica, ficando cada vez mais próxima do indivíduo e de sua verdade vivida tanto pelo cotidiano, como pelos textos literários e acadêmicos, de acordo com Da Silva (2016, p.111), “aqueles envolvidos na construção de geografias emocionais considerem a questão emocional também através da escrita e da leitura de seus textos, bem como em suas áreas de estudo [...]”.

2.4 geografia e literatura

O declínio da escola de Berkley a partir dos anos 1970, trouxe novas possibilidades para a geografia cultural, as pesquisas deixaram de prezar apenas o material, e o campo do imaterial passou a ganhar mais espaço. A interdisciplinaridade dentro dos estudos também passou a ganhar mais espaço, entre eles, destaco o estudo da Geografia pela Literatura.

De acordo com Suzuki (2017, p.130) “As primeiras incursões de estabelecimento da relação entre Geografia e Literatura se inicia em meados do século XIX, com debate de Alexander Von Humboldt em sua obra magistral *Cosmos*” a partir deste momento as discussões sobre a temática Geografia e Literatura passaram a crescer, todavia, no Brasil esses debates iniciaram em 1940 por meio de Pierre Monbeig.

Apesar de considerar-se a temática geografia e literatura como um campo de estudos recentes, há séculos a Geografia utilizava da literatura para realizar seus estudos, sobretudo durante a grande expansão marítima, onde os diários de bordo de capitães de embarcações passaram a fazer parte das ferramentas de pesquisas das ciências, como Marandola Jr afirma fundamentado em Ratzel (1990) (MARANDOLA JR, 2009, p.488) “toda literatura de viagens e expedições corroboram com a aproximação narrativa destes conhecimentos, num equilíbrio muito tênue entre o científico-geográfico, o fatural-histórico e o estético-literário”. Sobre esta perspectiva, o presente autor afirma:

Muitos geógrafos do século XIX ou da primeira metade do século XX foram levados à Geografia pela pena dos romancistas, como Aziz N. Ab’Saber relata em suas memórias profissionais, afirmando que “[...] via a geografia através dos romances.” (AB’SABER,2007, p.47). Não é por acaso: epopéias clássicas como a *Ilíada* e a *Odisséia*, de Homero, a *Eneida*, de Virgílio, ou os *Lusíadas* de Camões, entre a realidade e a ficção, trazem em seus bojos os símbolos, os imaginários mitológicos da cultura ocidental, podendo ser encaradas como registros geográficos ou ensinamentos históricos, bem como comunicação para a posteridade sobre lugares e pessoas. Mas, acima de tudo, para nos deleitar em suas leituras. (MARANDOLA JR, 2009, p.492).

Dentro dos estudos dentro da temática apresentada, existem diferentes caminhos e tendências, Marandola Jr (2009), apresenta três tendências de relações entre geografia e literatura que são:

(...) as tendências nas relações estabelecidas entre Geografia e Literatura podem ser de três tipos: o texto geográfico pode conter qualidades literárias; o texto literário pode ser uma fonte para a análise geográfica ou a literatura pode encerrar em seu texto uma perspectiva para as pessoas vivenciarem suas visões de mundo, sendo um referencial para a percepção e cognição do meio ambiente. (MARANDOLA JR, 2009, p.495)

Para este trabalho de conclusão de curso, interessa a segunda tendência, o texto literário como fonte de análise geográfica reconhecendo o texto como documento. Dessa forma, a literatura pode ser encarada como um documento repleto de representações e conhecimento empírico, dentro destas discussões envolvendo a temática literatura e geografia, Olanda e Almeida (2008, p. 08) dissertam:

[...] reconhece-se a obra literária como documento de certa realidade, por situar coletividades ou indivíduos de determinado lugar. Com suas criações os escritores refletem uma visão de vida, de espaço, de homem e de lugares de uma determinada sociedade em certo período. Assim posto, as obras literárias revelam-se fontes para a compreensão da experiência humana.

Dessa forma, a literatura por meio de seus personagens romanescos, manifesta um mundo vivido, repleto de alegrias e tristeza, movimentos e cores. De Sousa (2008, p.95) apresenta essa literatura de signos que por meio da subjetividade passam a surgir, e segundo a autora “[...] estão perambulando e gritando pelas ruas da cidade, esperando que alguém atento os ouça e os liberte para que vivam além do seu tempo. De uma maneira livre, fundada no critério estético, a literatura é, ao mesmo tempo, voz e escuta do mundo. ”

Ainda sobre os meios de análise das obras literárias, Marandola Jr (2009) guiado pelas leituras de Dimas (1987) apresenta em seu texto as diferentes formas de investigar o espaço e sobretudo a Geografia presente nos textos de literatura, esta forma de análise se fará presente no que se refere ao percebimento do espaço vivido presente nas obras literárias aqui a ser analisadas. De acordo com o autor, as formas como essa espacialidade pode se manifestar nas obras são as seguintes:

Segundo Dimas (1987), há três formas de o espaço aparecer na literatura: (1) de forma tão importante a ponto de alcançar estatuto igual ao dos outros componentes da narrativa; (2) de forma diluída, tendo uma importância secundária; e (3) de forma a se descobrir a funcionalidade e a organicidade gradativamente, haja vista que o escritor conseguiu dissimulá-lo a ponto dele

estar harmonizado com os demais elementos narrativos. (MARANDOLA JR, 2009, p.499).

Em exposição sobre geografia e literatura, Claval (2007, p. 55) veicula:

[...] o romance torna-se algumas vezes um documento: a intuição sutil dos romancistas nos ajuda a perceber a região pelos olhos dos personagens e através de suas emoções. Os trabalhos sobre o sentido dos lugares e sobre aquilo que a literatura ensina a este respeito são numerosos no mundo anglo-saxão desde o início dos anos 1970.

Analisar as geograficidades a partir de texto literários não é tarefa fácil. Marques (2016, p. 33) expõe que para a linguística, “[...] o quão falho é tentar buscar o que um livro quer dizer, ou pior, o que um autor quer dizer. Sabemos que o que o autor quer dizer é, na maioria das vezes, inverificável.” Sobre essa abordagem Marques (2016) apoia-se em Deleuze e Guattari, que apresentam:

Não se perguntará nunca o que um livro quer dizer, significado ou significante, não se buscará nada compreender num livro, perguntar-se-á com o que ele funciona, em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua, com que corpos sem órgãos ele faz convergir o seu. Um livro existe apenas pelo fora e no fora. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 12 *apud* MARQUES, 2016, p.33).

De certa forma, as geograficidades são representadas nas relações que o homem cria com o espaço, o espaço vivido, e lugar de memórias, assim, o espaço se vincula à vida do sujeito que passa a tê-lo como parte de sua história de vida, como afirma Olanda e Almeida (2008, p.15):

Conforme atesta Almeida (1985); Coutinho (1995); Tissier (1991) e Lima (2000) sobre a fonte e o subsídio da literatura regional, as “substâncias naturais e sociais” de determinado espaço e o “espaço vivido” aparecem como elementos comuns entre a Literatura e a Geografia. Percebe-se um entrelaçamento entre ambas no que tange ao desvelamento do “homem e suas experiências na sua relação com o meio de sua existência”.

Apresentando o intangível dentro dos romances e dentro mesmo da própria geografia poética/ sensível, em romances regionais, Marandola Jr (2009, p.491), discorre baseado no romance de João Guimarães Rosa “O Grande Sertão: Veredas”:

Por outro lado, são inúmeros romances regionais que extrapolam o confinamento dos limites da região, como revela o Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa. Espaço geográfico, não inventado, mas criado para contar a história e a longa viagem de Riobaldo, o jagunço em sua trágica trajetória existencial e metafísica pelos sertões de Minas Gerais (ROSA, 2001). O mundo roseano é a dialética da História e da Geografia, mas sem tempo e sem espaço. Está em todos os lugares e em nenhum tempo. Está em

todos os tempos e em nenhum lugar.

Aqui busca-se a valorização das experiências dos personagens, seus sentimentos em relação ao território, a paisagem, o lugar e o sentimento de pertencimento do sujeito. As intenções e vivências do autor não tem efeito sobre esta chave de interpretação, interpretação por uma geografia sensível, onde a interpretação do pesquisador categorizam e re-categorizam este espaço vivido da literatura que apresentam contextos sociais e culturais dentro de suas linhas.

(...) a literatura, ao mesmo tempo, é formada e transforma o chão social, cultural, histórico e geográfico sobre o qual nasceu, e que lhe conforma organicidade e sentido. É formada, pois incorpora problemas de seu tempo e de seu espaço; transforma, pois, cria e cimenta identidades locais, regionais e nacionais, impondo-se como representação coletiva que funda práticas e vínculos culturais e sociais. (MARANDOLA JR, 2009, p.492).

Dessa forma, Marandola Jr (2009, p.497) apresenta a obra literária como um meio de comunicação tanto individual quanto coletiva que fica entre o real e o fictício, o que a torna um meio de observação do mundo vivido e, por consequência as geograficidades. Sobre as geograficidades neste meio de comunicação, o autor aponta:

Aqui entra a geograficidade na escala individual constituindo-se pelos sentimentos, afetividade, escolhas e mundo fenomenológico. Enquanto na escala coletiva compreendendo as imagens, imaginário, cultura, território, discurso. Todas estas dimensões estão reunidas no texto (MARANDOLA JR.; SILVA, 2004).

Sobre literatura e geografia, Tuan (1983/2013, p. 180), em seu livro *Espaço e Lugar* aponta que na perspectiva da experiência “a arte literária chama a atenção para as áreas de experiência que de outro modo passaria despercebidos [...] uma função da arte literária é dar visibilidade a experiências íntimas, inclusive às de lugar”.

Com a concepção de que, as narrativas dos autores contêm paisagens e geograficidades de Imperatriz e região este trabalho de conclusão de curso visa analisar os conceitos já mencionados contidos na produção literária, e compreender as paisagens e geograficidades de Imperatriz e região, Mas afinal, o que seria a literatura imperatrizense? Franklin (2006, p.16) esclarece:

Então, “literatura imperatrizense”, “arte imperatrizense”, “música imperatrizense”, são obras criadas com o sopro, com a inspiração, com o ar, com a motivação das circunstâncias da vida imperatrizense, seja qual for a temática. Sem esse “ar” local, o que justifica essa condição?

3 GEOGRAFIA EM TEXTOS LITERÁRIOS, AS GEOGRAFICIDADES NO TEXTO DE LÍLIA DINIZ

Durante meu projeto de Iniciação Científica sob o título “Estudo das representações simbólicas no município de Imperatriz na produção literária” tive contato com diversas obras de Imperatriz e região, dentre elas, a obra “Miolo de pote da cacimba de beber” de Lília Diniz (2017). A razão por trás da seleção desta obra é singular e deve-se pelo meu encantamento com o livro “Miolo de pote da cacimba de beber”, além de minha percepção enquanto pesquisadora que identificou em poemas as geograficidades, paisagens e representações culturais imperatrizenses, no caso de Lília Diniz (2017), o olhar do povo de Imperatriz.

A autora é nascida em Tuntum-MA, é poetiza e atriz, Membro da Academia Imperatrizense de Letras e da Academia de Letras do Brasil Seccional – DF, é autora de “Babaçu, Cedro e outras poéticas em Tramas, Miolo de pote da cacimba de beber, Sertanejares, Ao que Vai Chegar, Mula sem Cabeça e Mundo de Mundim.” (CARVALHO JUNIOR, 2018).

Dividido em quatro capítulos “Miolo de pote da cacimba de beber” evoca os elementos da natureza, terra, fogo, água e ar, apresentando a forte relação da autora com o meio natural. Ainda antes de emergir na literatura, outro elemento da obra de Diniz (2017), que apresenta essa ligação é a própria aparência do livro, feito com papel e palha do babaçu (informações passadas pela autora ao me entregar o livro), a obra é apresentada em uma caixinha feita da palmeira do babaçu (figura 01) apresentando este vínculo com as quebradeiras de coco vinculo este, que a obra apresenta claramente.

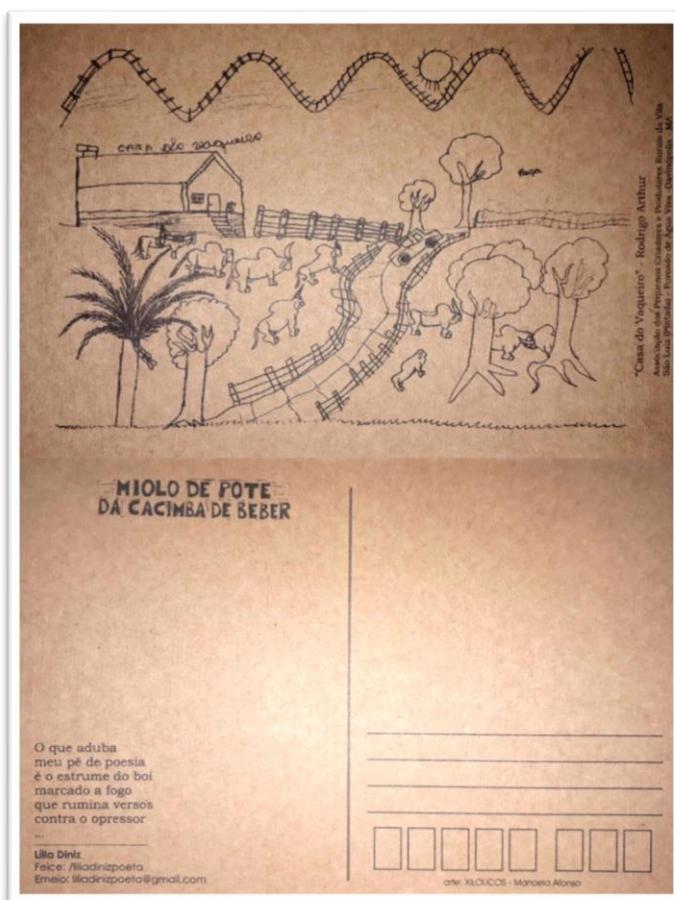
A xilogravura também é uma característica marcante nas obras de Lília Diniz, exibindo certa influência da literatura de cordel – pois, conforme apresentada em sua obra, ela foi alfabetizada por meio da literatura de cordel –; a obra “Miolo de pote da cacimba de beber” ainda é composta por cartões postais impressos no mesmo material da capa do livro, contendo ilustrações feitas por crianças da Associação dos Pequenos Criadores e Produtores Rurais da Vila São Luíz (Pintada), do Povoado de água Viva, Davinópolis-MA (figura 02)

Figura 02. Livro Miolo de pote da cacimba de beber



Fonte: DINIZ, 2022.

Figura 03. Cartão postal (livro Miolo de pote da cacimba de beber)



Fonte: Autora (2023).

3.1 Geograficidades e paisagens em o “Miolo do pote da cacimba de beber”

Dividida em quatro partes, a obra de Lília Diniz (2017) apresenta, os elementos da natureza, terra, fogo água e ar, respeitar-se-á aqui pois, a distribuição sistematizada pela autora, relacionando as vivências ao espaço natural, conforme apresenta-se:

Bicho do mato que sou
O que gemina em mim
São versos com
Cheiro de
Terra
Mato e
Fulô
(DINIZ, p.13, 2017)

A terra, elemento amplamente trabalhado pela Geografia, se apresenta para o homem como provedor, provê o alimento por meio da agricultura, provem a habitação por meio de sua estrutura sólida e provem vivências.

A “Terra como morada” de em Dardel (2011) possui uma visão kantiana, esta apresenta o elemento a partir da perspectiva humana, “[...] trata-se de aprender o ser humano em sua *condição terrestre*, trata-se de fazer do homem um habitante da Terra, para que ele possa aprender o sentido real de sua liberdade” (BESSE, 2011, p.122).

Essa abordagem carrega consigo uma característica educadora, onde a educação leva o indivíduo à liberdade. Por fim, o autor nos revela “A Terra como Mistério” que se trata de um agrupamento de possibilidades, para ele, “[...] o terrestre corresponde ao elemento bruto de onde se ergue a história humana, mas que tende a ‘deshistoricizar’ as decisões que constituem o mundo atribuindo-as à dispersão e à usura.” (BESSE, 2011, p.126).

O espaço aquático que revela-se na obra de Lília Diniz (2017) como um capítulo - ou parte como a autora nomeia - apresenta-se em sua característica elementar, é um espaço líquido, com movimentos. A poesia apresenta de forma única a adjetivação do espaço geográfico, como o registro afetivo apresentado por Dardel (2011, p.20), “o registro afetivo da alegria propõe seu vocabulário para qualificar o mundo aquático. O riso das águas, o trinado ou a canção do riacho, sonoridades alegres da cascata, a amplidão feliz do grande rio. Apelo à alegria, vivacidade material do espaço, juventude transparente do mundo.”

O riso das águas, como também o murmúrio, sussurro e, antônimo a estes, uma voz que faz vibrar, tudo a depender do corpo hídrico e de quando e quem interagem com este, “Sem a presença do homem o mar não passa de um eterno monólogo” (DARDEL ,2011, p.22).

O espaço aéreo representado pela atmosfera é um espaço que está em contato com todos os outros elementos, ubíquo, invisível, este também ao ser percebido pelo homem “[...] vibra e ressoa. Rasgado pelo trovão, gemendo sob a tempestade, ritmado pelos sinos” (DARDEL, 2011, p.24), ele proporciona sensações como “Odor da terra recém arada, cheiro de feno, perfume das lavandas e urzes, mas também odores fétidos dos pântanos da floresta equatorial, da lama, o registro doforífero [...]” (DARDEL, 2011, p.26).

3.1.1 Terra

A parte um da obra “Miolo de pote da cacimba de beber” intitulada por “**Terra**”, possui diversas poesias protagonizando as quebradeiras de coco babaçu, uma prática tradicional do estado do Maranhão, principalmente das áreas de transição como a cidade Imperatriz, por ser nestas áreas onde são encontradas em geral as matas de cocais, onde encontrar-se os babaçuais formados pelas palmeiras de babaçu. Em seu poema “Quebradeira de coco” Diniz (2017) retrata o cotidiano das quebradeiras:

Teu trono
é o de tantas outras
que se embrenham nas matas
à busca da amêndoa que dá sustento à vezes roubando-lhes a vida

Teu machado
abre as entranhas do babaçu
e conhece bem as curvas
de tuas pernas, que tantas vezes
se fizeram passagem da vida

Teu braço
já sem força de antes,
empunha o velho macete certo,
aos golpes abre o coco ao meio e
em mil pedaços teus sonhos

Tua labuta
transformada em azeite, sabão
gongos apetitosos
assados ao espeto na brasa
do mesmo coco que o alimentou

Tua realeza
comparada, não menor
que as palmeiras que a ti
reverenciam
Ofertam-te folhas, frutos
haste e pó
que aduba e fortalece outras vidas
(DINIZ, 2017, p. 15)

Neste poema Diniz (2017) apresenta as etapas do trabalho da quebradeira, a busca e a coleta do coco babaçu, a quebra do coco com o machado que é posicionado entre as pernas, onde este as “conhece bem as curvas” e com o macete até o produto final, apresentando em todas as etapas, geograficidades ímpares de uma relação íntima entre homem-natureza, apresentando mesmo em relação a colheita, uma percepção do ambiente na “[...] época certa de colher o coco e quebrar, sendo mais propício em períodos não chuvosos por causa da dificuldade em adentrar nas matas no período de inverno com as chuvas, a estrada lisa por conta do acúmulo de água na superfície da terra e encontrar cocos ruins, estragados.” (SILVA & GONÇALVES, 2019, p. 340).

As etapas narradas pela autora, compõe um cenário integrando a natureza à dança do corpo apontando para uma relação íntima entre o indivíduo e o meio, ou seja, as geograficidades. Teu braço, teu maçado e tua labuta no poema, periodizam o trabalho, somados com movimentos como “Teu braço já sem força de antes, empunha o velho macete certo” apresentam uma conjuntura corporal neste espaço, uma verdadeira dança-do-corpo, de acordo com Seamon (2013, p. 12) danças-do corpo “[...] são frequentemente parte integrante de uma habilidade manual ou sensibilidade artística; o seu somatório pode constituir meios de vida de uma pessoa”.

Essa relação homem-natureza por meio do sustento fornecido pelo coco babaçu a estas comunidades ficam bem claros no poema “O coco que eu quero” de Diniz (2017), que apresenta intrínsecas emoções e geograficidades relacionados a este meio de subsistência.

Coco
em florada
esperança
alimentada

Coco
nascido
sonho
parido

Coco
no cacho
olhar
embaixo

Coco
no chão
certeza do
pão

Coco
quebrado

bucho
calado

Coco
torrado
de cumer
temperado
(DINIZ, 2017, p. 16)

Este meio ambiente farto de natureza que a região possui, proporciona o sustento de dezenas de mulheres que do coco babaçu tiram seus meios de subsistência, manipulam a natureza para sua sobrevivência de maneiras cativantes, Diniz (2017, p. 13) narra “tua labuta transformada em azeite, sabão, gongos apetitosos assados ao espeto na brasa do mesmo coco que o alimentou” a relação que essas quebradeira de coco tem com a natureza, de aproveitar ao máximo um fruto cedido por ela, mostra relação de gratidão e amor ao meio.

Muito se discute sobre os conflitos entre quebradeiras e proprietários de terras, que por muitas vezes pela ganância, danificam as palmeiras de babaçu de acordo com Santos (2019, p. 13) “[...] é praticada por fazendeiros locais, que, para realizar o plantio de suas pastagens, serram, queimam e até envenenam os babaçuais, e não fazem isso apenas com as palmeiras que já deram frutos, o fazem também com a pindova (nome dado a palmeira em fase de crescimento).” suprimindo assim a fonte de sustento destas quebradeiras. Por meio de um trecho do poema “Estrume” de Diniz (2017), é possível encontrar essa realidade:

O que aduba
meu pé de poesia
é o estrume do boi
marcado a fogo
que rumina versos
contra o opressor
[...]
São as toras dos babaçus
estendidas ao chão
pelo machado da ganância
que devasta não apenas floretas
derruba Chicos, Josumios,
Margaridas...
[...]
(DINIZ, 2017, p. 19)

A autora faz referência ao padre Josimo Morais Tavares (coordenador da Comissão Pastoral da Terra (CPT) do Araguaia-Tocantins), assassinado no dia 10 de maio de 1986, na cidade de Imperatriz-MA, “foi assassinado por fazendeiros contrários ao seu trabalho junto a famílias na região. Chamado pelos agricultores de ‘padre negro de sandálias surradas’, ele se tornou um dos maiores mártires da luta pela terra no Brasil. ” (FERREIRA, 2020). Algumas

semanas antes de sofrer assassinato, padre Josimo, após sofrer um atentado se pronuncia no dia 27 de abril de 1986.

Agora estou empenhado na luta pela causa dos pobres lavradores indefesos, povo oprimido nas garras dos latifúndios. Se eu me calar, quem os defenderá? Quem lutará a seu favor? Eu pelo menos nada tenho a perder. Não tenho mulher, filhos e nem riqueza sequer, ninguém chorará por mim. Só tenho pena de uma pessoa: de minha mãe, que só tem a mim e mais ninguém por ela. Pobre. Viúva. Mas vocês ficam aí e cuidarão dela. Nem o medo me detém. É hora de assumir. Morro por uma justa causa. (FERREIRA, 2020).

A apropriação do espaço geográfico, ou espaço territorial se dá por meio do domínio e dos símbolos que se dá a ele, estabelecendo-se assim uma relação homem-ambiente, “O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator "territorializa" o espaço.” (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

As práticas políticas definem as relações que se dão em âmbito territorial, podendo apresentar identidades regionais, como as apontadas por Diniz (2017) que em sua narrativa mostra a relação que o imperatrizense tem com a terra, que como fruto de diversas disputas, caracterizou diversos bairros da cidade, que iniciaram-se a partir de “invasões” e dos conflitos resultantes da resistência que os latifundiários têm em coexistir com as comunidades tradicionais.

[...]
TANTATERRA
TANTO
TIRO
TANTATERRA
TANTO
TERROR
TANTATERRA
TANTA
TRAMA
TANTATERRA
TANTA
TENSÃO
TANTATERRA
TANTOS
TIROS
TANTATERRA
TANTOS
TOMBAM
(DINIZ, 2017, p.22)

Destacando a importância do extrativismo do coco babaçu, Sanches (2017, s/p.), na apresentação do livro “ Miolo do pote da cacimba de beber” escreve: “O babaçu é o boi das matas. Dele, sabe-se, nada se perde. Artesanato, alimento, combustível, medicamento. E mais: ente muitos aproveitamentos e utilidades do babaçu também está a celulose, o papel. Vale dizer assim, que de babaçu também faz-se um livro. Este por exemplo”.

Igualmente, Sanches (2017, s/p) apresenta a sensibilidade de Lília Diniz, “[...] íntima das palmeiras e das conversas delas com o vento, quando farfalham e gargalham, Lília sabe da essência do babaçu, do âmago das amêndoas.” O que se vê no poema são a essência das quebradeiras de coco babaçu, assim como alguns de seus costumes, trazendo consigo dentro destes elementos, as geograficidades destas comunidades.

Esta relação com a natureza e o modo próprio como estas comunidades de quebradeiras se organizam econômica e culturalmente, não só apresentam geograficidades intensas, mas também as caracteriza como comunidades tradicionais de acordo com o inciso I Art. 3º Decreto 6.040 / 2007 que nos diz:

Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (BRASIL, 2007)

Sobre as quebradeiras de coco no estado do Maranhão, Santos (2019, p. 09) aponta, “lá onde se concentra o maior número de quebradeiras de coco e onde se mostra a maior organização dessa coletividade em prol da luta pelo direito de exercer essa atividade, além disso, sabe-se que a práxis é passada de geração em geração há muito tempo. ”

O trabalho que uma quebradeira de coco realiza é um ofício passado de mãe para filha por gerações, e estrutura todo um modo de vida, onde sua forma de sustento vem da palmeira do coco babaçu e é uma atividade que demanda tempo, impossibilitando então que estas quebradeiras possuam outra forma de renda, “A coleta do coco é feita de maneira totalmente sustentável, sem a derrubada ou qualquer outra forma de agressão à palmeira, prática essa levada muito a sério por elas, que inclusive denunciam aqueles que invertem nessa lógica” (SANTOS, 2019, p. 09).

Ainda nas discussões sobre “**Terra**” a autora apresenta o poema “Escapadinha” no qual o conceito de paisagem é evidenciado. A descrição da paisagem urbana feita pela autora ocorre geralmente no segundo semestre do ano, quando a cidade fica banhada de amarelo, com

ipês, e outras árvores, ela esboça encantamento, o próprio título traz uma ideia de excepcional, pois a cidade ganha uma nova cor, novo ar, nova paisagem.

Que as
bonitas
me perdoem!
É que hoje
fui arrebatada
pelo amarelo,
juro que
não foi um amarelo
qualquer
A cidade estava
simplesmente
a-m-a-r-e-l-a-!
Como se não bastasse
tanto amarelo em verso
flor e poesia
parecem ter
em cochicho
combinado tudo
com os guapuruvús
paus-ferro e acácias,
pois lá estavam
amarelinhos,
amarelinhos
perdoem-me amadas
boninas,
é que me deixei seduzir
pelo amarelo dos ipês
embora continuem
minhas preferidas!
Mas aquele amarelo...
(DINIZ, 2017, p.27)

3.1.2 Fogo

Na literatura, o elemento fogo representa paixão, desejo e impulsividade, não fugindo desta representação literária, Lília Diniz (2017) apresenta na parte dois de “ Miolo de pote da cacimba de beber”, poemas sobre paixão e desejo, exibindo por meio de linguagens e símbolos, características e geograficidades da região nordestina, sobretudo das imediações de Imperatriz, conforme consta no poema “Imperatriz”.

Banhada pelo medo
De ser possuída
Na correnteza
Dos versos teus,
Fiquei à tua margem
Onde pensei está segura
...

Fui totalmente
Emprenhada pela
Doce poesia do seu leito
(DINIZ, 2017, p. 48)

O poema supracitado, intitulado por “Imperatriz” retrata a relação que o imperatrizense tem com sua territorialidade, por se tratar de uma cidade que surgiu do leito do rio Tocantins e por meio dele tem relações de subsistência e de carinho. No poema “Mais maió” da obra, percebe-se elementos que participam desta relação homem-ambiente por meio de figuras de linguagens:

Mode dessas tuas coisas
De viver a me percurá
O tamãe do meu querê
Agora eu vou lhe conta
Que santo Antõe
Num lhe avisou
Adispois num vem falá
Tempera, meu bem tempera
É assim o meu gosta

Mais maió que os pé de manga
Que tem lá no meu quinta
Esperano vim a chuva
Pra puder afulorá
Mais maió que as pitombeira
Carregada de bolota
Mode a gente chupá
[...]
(DINIZ, 2017, p. 39)

Quando a poetiza coloca que o querer dela é “Mais maió que os pé de manga, Que tem lá no meu quinta” (DINIZ, 2017, p. 39) ela está usando uma geograficidade para tentar mensurar o tamanho de seus sentimentos, da mesma forma de quando ela coloca que seu querer é “Mais maió que as pitombeira, Carregada de bolota Mode a gente chupá” a autora se mune de elementos naturais que pra ela são carregados de significados para tentar externalizar suas emoções, apontando para uma “geografia sensível” como a de Queiroz Filho (2019).

3.1.3 Água

A água, elemento fundamental para a sobrevivência humana, possui representações em todas as culturas, considerada símbolo da origem da vida, fertilidade, transformação, purificação e força. A relação que o indivíduo tem para com este elemento, ocupam espaço na geografia das emoções, e por consequência por se tratar de um elemento do espaço geográfico,

se encontra nesta relação certas geograficidades, como mostradas no poema “Alimento” de Diniz (2017).

banho meus sonhos
no açude da esperança
de água viva e
mato minha sede
com o miolo de pote
da cacimba de beber
(DINIZ, 2019, p. 57)

Nesse poema, o elemento natural (água) ganha representações de esperança e saciedade, a cacimba que aparecesse no título do livro é uma forma comum de se obter água em áreas áridas “Uma escavação rasa, feita no leito principal de rios e riachos temporários. No Sertão, a cacimba é um recurso muito usado pelas famílias dos agricultores. Ela garante água na estiagem. Principalmente para os animais.” (BRITO, 2006, p. 18), a busca pela fonte de vida internaliza com mais emoções estes elementos na vida do indivíduo. Desta forma, percebe-se abaixo no poema “Brincadeira de menina” representações e símbolos empregados o elemento água.

Então a gente brincava
imitando as lavadeiras
as dos açudes, dos poços
em cantigas corredeiras,
fazendo espuma branquinha
lavando com as casquinhas
daquelas saboneteiras
as roupas das bonequinhas
todas bem prazenteiras
p.59

As lavadeiras são bem comuns por toda a região tocantina, lavavam suas roupas na beira do rio, nos riachos quando a poluição ainda não tinha impossibilitado esta prática e em açudes. Estas narrativas mostram além de transmissão de conhecimento, os papéis desempenhados pelos familiares em determinadas épocas, assim como práticas do cotidiano das mães de família que muitas vezes costuravam ou desempenhavam o papel de lavadeira.

Essa relação íntima e simbólica com o meio ambiente, que o caracteriza como espaço de geograficidades muda a paisagem do imaginário humano, já que “O sentido que o homem dá às coisas torna-se tão importante quanto as próprias coisas.” (BONNEMAISON, 2002, p. 89), desenvolvendo assim o espaço físico geográfico, um antagonismo ao seu princípio quanto elemento natural, agregando em sua caracterização, signos metafóricos ligados a afeição humana, expressada por Lília Diniz (2017) em seu poema “Tocantins”:

Em suas águas
mergulho para ver melhor o mundo,
lavo meu corpo
cansado,
banho meus sonhos
ressecados,
afogo desilusões,
renovo minha esperança
e toco a vida adiante
(DINIZ, 2017, p. 61)

Os textos literários são representações de inspirações, motivações e, principalmente este “ar local” atuante na vida dos imperatrizenses. Nesses textos encontram-se geograficidade que contribuiriam na interpretação do espaço pela visão do homem de modo a compreender a espécie humana como ser no mundo “[...] em seu comportamento espaço-temporal e possuidor de significados no uso de suas percepções existenciais únicas e intencionais.” (FERREIRA, 2013, p.159). Estas geograficidades se dotam de emoções que eventualmente não são emoções de alegria e agradecimento, como exibido no poema “Enchente”.

O rio que muito amei
não teve compaixão
rasgou minhas entranhas
lavando
lavando
lavando
lavando...
...
levando
levando
levando...
...
leva
marcas de mim
Imprimou em minhas
paredes sua cor
Veio feroz
Veio rasgado
Veio veloz
...
suas águas
tantas vezes
por mim cantadas
quiseram em sua dança
Me levar
Me leva...
Me leva...
Me lava...
Reclamou minha ausência
e mais vermelho
que antes

seguiu seu destino
de rio
(DINIZ, 2017, p. 63)

A natureza hora nos serve, hora se serve de nós. Por se tratar de planície de inundação, a o município de Imperatriz sofre constantemente com enchentes sazonais, é um evento que ocorre mesmo antes da ocupação antrópica mais intensa que despeja efluentes nos riachos, a cidade de Imperatriz possui diversos riachos que desaguam no rio Tocantins e durante a estação chuvosa, este é o problema não só do município de Imperatriz, mas também de vários outros municípios do Maranhão , ainda em janeiro do ano de 2022, “[...] cerca de 820 pessoas foram impactadas pelas cheias e 229 famílias estão desabrigadas ou desalojadas.” (BRASIL, 2022), no poema percebemos essas emoções de perda e sofrimento para com o rio, principalmente nos versos “O rio que muito amei não teve compaixão, rasgou minhas entranhas”.

4.1.4 Ar

Assim como os demais elementos naturais apresentados na obra “Miolo de pote da cacimba de beber” Diniz caracterizou a parte Ar, com os símbolos que este leva consigo em diversas culturas, a de liberdade, mudança e respiração. Nesta parte da obra, Lília Diniz pinta diversas paisagens caboclas e sertanejas que fazem parte de sua história, apresentando elementos de suas vivências como no poema “Encantamento”.

No reino dos
araíozes
conheci os
deuses
do mangue,
do bumba-meu-boi
Dancei à luz da lua
com as deuses
desdentadas
de risos largos,
das cacimbas,
dos causos
Ouvi mumuiar
da água doce
na terra prenhe de
poesia,
pelos e
nos
olhos da
Flor(Isa)
Voltei em riba do
tempo

embriagada de
encantamento
à terra das
estrelas de pedra
(DINIZ, 2017, p. 75)

Em “transfiguração” (poema situado a baixo) a autora apresenta ainda mais paisagens sertanejas, a casa de palha e de taipa que são comuns no interior do nordeste, faz referência ao babaçu e seus gongos (larvas que se alimentam do coco babaçu) que fizeram parte de sua vivência e habita eu imaginário.

As casinhas de palha e taipa
me comovem
como o pantanal
a Manoel de Barros

Dentro delas
me sinto que nem
gongo de coco babaçu
ignorando a fome do machado

Me penso feto
abraçado pelas palmeiras
aquecido pelas mãos da terra
que nem ovo de lambú
chorando para nascer
[...]
(DINIZ, 2017, p. 78)

Honrando as paisagens de sua vida, sobretudo as paisagens nordestinas, andando descalça pela terra, a autora, em “Amada loucura” apresenta elementos que permeiam a cultura maranhense, a dança, as cores e as fitas do bumba-meu-boi que é patrimônio cultural imaterial do Maranhão e do cacuriá, os sons de repentes, batuque e tambores, os aromas das sucupiras e dos ipês.

[...]
Quero continuar
andando descalça
pela terra seca encharcada de
cantoria, repentes, emboladas...
sentindo as artérias dos rios
pulsarem ao som dos tambores
do maracatu, do bumba-meu-boi
do cacuriá, tambor de crioula...
Conversando com a velha sucupira
que perfuma meus cabelos em flor,
vendo os ipês com seus versos serenos
abençoando meus dias
(DINIZ, 2017, p. 63)

Estes aromas que viajam pelo ar, apresentados tão bem por Dardel (2011), quando fala do espaço aéreo (atmosfera) que propaga odores, sons e sensações, ao ter o ar cortado pelas ondas sonoras dos tambores e repentes, e o ar impregnado pela sucupira, pintam uma paisagem, junto com estas manifestações culturais que além de parte da paisagem também são relações entre homem e natureza, na dança descalça e no tambor que é feito do couro do animal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática aqui apresentada surgiu por meio de um projeto de iniciação científica intitulada “Estudo das representações simbólicas no município de Imperatriz na produção literária” onde fiz uma seleção de 09 livros para a execução do projeto, dentre eles, deparei-me com “Miolo de pote da cacimba de beber” de Diniz (2017), livro repleto de significado, conceitos e representações.

Portanto, a literatura pode se tornar um método para identificar e estudar as geograficidades de uma região, por meio da literatura de “Miolo de pote da cacimba de beber” este trabalho de conclusão de curso foi capaz de analisar as geograficidades de Imperatriz e região por meio de representações ambientais e singularidades da região.

Por intermédio da literatura de Lília Diniz, ficou evidenciado as singularidades da cultura, Lília Diniz, com sua procedência camponesa apresentou geograficidades e paisagens inigualáveis, repletas não da ostentação de palavras cultas sem peso de significado, mas de cotidianos.

Discutindo as geograficidades e paisagens por meio não só do homem, mas dos elementos naturais, terra, fogo, água e ar, este trabalho de conclusão de curso apresenta geograficidades de uma comunidade tradicional que é bem típica do Maranhão, sobretudo das áreas de transição de bioma – as quebradeiras de coco babaçu – e junto com elas representações e percepções ambientais característico de comunidades tão conectadas à natureza, como é o caso das quebradeiras de coco. Apresenta-se também paisagens sensoriais de quem vive a natureza todos os dias.

Nos diversos poema de “Miolo de pote da cacimba de beber” as palavras possuem tanta corpulência que parecem ser capazes de sangrar, é possível visualizar-se as quebradeiras preparando gongos ou jogando os cabaços dos cocos no fogo para fazer carvão, é possível sentir a humidade do rio Tocantins, e o gosto de sangue na boca pelas revoltas.

Em primeiro momento, ao notar que o livro é dividido em partes nomeados com os elementos da natureza, me veio a pergunta, o que é **terra** para a autora? Diniz (2017) percebe os elementos de forma fenomenológica, na parte “**Terra**” da obra, ela apresenta em um conjunto de poemas, a terra como provedora por meio das geograficidades das quebradeiras de coco e a terra que dá cor, também apresenta a terra que é motivo de dores por meio das disputas fundiárias, são essas geograficidades que se refletem por meio de sua literatura a terra é a que alimenta, fortalece, faz bem, mas também é motivo de sofrimento pela ganância do homem.

Da mesma forma a parte “**Fogo**” apresenta geograficidades ligadas diretamente à natureza, em um conjunto de poesias Diniz (2017) expressa uma paixão que só pode ser mensurada a partir dos elementos da natureza como “Mais maió que o pé de manga” (DINIZ, 2017, p. 39). Já “**Água**” para a autora tanto apresenta – nos poemas – geograficidades de esperança, sonhos, renovação, como de perda.

Por fim, na parte “**Ar**” de “Miolo de pote da cacimba de beber” a autora nos apresenta geograficidades de dança, alegria, o elemento ar para ela representa liberdade, aroma, movimentos. Essas geograficidades estão no âmbito do espaço telúrico de Dardel (2011) esses elementos são para ela assim, pois fora ela quem os vivenciou.

Esta monografia é o trabalho de minha afetividade, mostra que por meio da literatura podemos não só conhecer uma região, mas também senti-la e vivenciá-la. Por meio de textos literários a ciência é capaz de fluir tão facilmente e talvez até de forma mais pungente, que em dados numéricos. Anseio, por meio deste texto, despertar a curiosidade por mais estudos como este, assim como talvez a continuidade para este.

Assim, retomando as questões que foram norteadoras da pesquisa, concluímos que há a possibilidade de não só identificar mas analisar as geograficidades e paisagens na literatura, podendo o livro então ser um documento que representa realidades, coletividades e especificidades regionais, as vezes de maneira íntima e particular, apontando assim para uma imensa relevância de estudos como este, expandindo as ferramentas de estudo utilizadas pela Geografia.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ida. Paisagem, aceleração e poesia por uma geografia das emoções. **Revista de Letras**. v. 1, n. 34, jan-jun/ 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/15969>> Acesso em 03/12/2022.

BESSE, Jena-Marc. Geografia e Existência a partir da obra de Eric Dardel. In.: DARDEL, Eric. **O Homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011. p.112-138.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (org.). **Geografia Cultural: um Século (3)**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

BRASIL. Agência Fluvial de Imperatriz auxilia famílias atingidas por enchente do Rio Tocantins. **Marinha do Brasil**. Disponível em: <<https://www.marinha.mil.br/noticias/agencia-fluvial-de-imperatriz-auxilia-familias-atingidas-por-enchente-do-rio-tocantins>> Acesso em 10/12/2022.

BRASIL. Decreto federal. **Decreto nº 6.040/2007**: Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. 7 de fevereiro de 2007. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/Decreto/D6040.htm> Acesso em 03/01/2023.

BRITO, Luíza T. de L; PORTO, Everaldo R; ANJOS, José B. dos; SILVA, Maria S. L. da; MOURA, Magna S. B. de. Formas de garantir água nas secas. **Embrapa Informação Tecnológica**: Brasília, 2006.

CARVALHO, Raquel; MARQUES, Teresa. A evolução do conceito de paisagem cultural. GOT: **Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, n. 16, p. 81, 2019.

CARVALHO JUNIOR. 4 poemas de Lília Diniz. **Quatetê**, maio/2018. Disponível em: <<https://quatete.wordpress.com/2018/05/15/4-poemas-de-lilia-diniz/>> Acesso em 03/12/2022.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. **Geografia cultural: uma antologia**, v. 1, p. 245-276, 2012.

DARDEL, Eric. **O Homem e a terra: natureza da realidade geográfica** (Primeira edição 1952); Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DA SILVA, Marcia Alves Soares. Um olhar sensível sobre o espaço geográfico: contribuições da geografia das emoções. **Geografia em Atos (Online)**, v. 5, n. 12, p. 37-59, 2019.

DA SILVA, Marcia Alves Soares. Por uma geografia das emoções. **GEOgraphia**, v. 18, n. 38, p. 99-119, 2016.

DE SOUSA, Andréia Aparecida Moreira; CHAVEIRO, Eguimar Felício. O diálogo entre geografia e literatura: a representação de Goiânia na obra viver é devagar. **Ateliê Geográfico**, v. 2, n. 3, p. 89-120, 2008.

DINIZ, Lília. **Miolo de Pote da Cacimba de Beber**. 5. Ed. Imperatriz: Edições Lamparina, 2017.

DINIZ, Lília. **Poéticas Sertanejas**. Disponível em <<http://liliadiniz.blogspot.com/p/livros.html>> /> Acesso em 03/12/2022.

FERREIRA, Marcelo. Há 34 anos, padre Josimo era assassinado por sua luta em defesa da terra. **Brasil de Fato**. 10 de Maio de 2020. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2020/05/10/ha-34-anos-padre-josimo-era-assassinado-por-sua-luta-em-defesa-da-terra>> Acesso em 09/12/2022.

FERREIRA, Rafael Bastos. Geografia existencialista: notas para uma fenomenologia da humanidade. **Raega- O Espaço Geográfico em Análise**, v. 29, p. 157-176, 2013.

FURLANETTO, Beatriz Helena. Geografia e emoções. Pessoas e lugares: sentidos, sentimentos e emoções. **Revista Geografar**, v. 9, n. 1, p. 200-218, 2014.

FURLANETTO, Beatriz Helena. Paisagem sonora do boi de mamão no litoral paranaense: a face oculta do riso. 212 f. 2014. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Geografia). Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

FRANKLIN, Adalberto. Quem é Imperatrizense, afinal?. In: SILVA, Ribamar (org.). Crônicas e Contos da Cidade: Antologia. Imperatriz: Ética, 2006.

GONÇALVES, Luciléa Ferreira Lopes. **Entre sotaques, brilhos e fitas: tecendo geograficidades por meio dos bois Rama Santa e Maioba**. Tese (doutorado em Geografia). UFPR: Curitiba, 2016

KASHIWAGI, Helena Midori. **Representações da paisagem no Parque Nacional de Superagui: a homonímia sênica da paisagem em áreas preservadas**. Tese (Doutorado em Geografia). UFPR: Curitiba, 2011.

MARANDOLA JR, Eduardo. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geografia**, v. 34, n. 3, p. 487-508, 2009.

MARQUES, Marcos Aurelio. Territórios poéticos e poética da multiplicidade em Affonso Romano de Sant'Anna. Tese (doutorado em Geografia). UFPR: Curitiba, 2016

MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito de paisagem. **Raega-O Espaço Geográfico em Análise**, v. 8, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Martins Fontes: São Paulo. 2.ed, 1999.

NEGREIROS, Carmem; ALVES, Ida; LEMOS, Masé. **Literatura e Paisagem em diálogo**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012.

OLANDA, Diva Aparecida Machado; ALMEIDA, Maria Geralda de. A geografia e a literatura: uma reflexão. **Geosul**: Florianópolis, v. 23, n. 46, p. 7-32, 2008.

QUEIROZ FILHO, A. C. **Do sensível, poesia:** outros modos de grafar o mundo. Vitória: Milfontes, 2019.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

RELPH, Edward C. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, p. 01-25, 1979.

SANCHES, Emilson. Apresentação de Miolo do pote da cacimba de beber. In.: DINIZ, Lília. **Miolo de Pote da Cacimba de Beber.** 5. Ed. Imperatriz: Edições Lamparina, 2017.

SANTOS, Antonio Anderson Ribeiro dos. **Quebradeiras de coco babaçu do Maranhão:** luta, conquistas e dignidade. Monografia (Curso de Graduação em Direito). UFPR: Curitiba, 2019.

SEAMON, David. Corpo-sujeito, rotinas espaço-temporais e danças-do-lugar. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 4-18, 2013.

SEEMANN, Jörn. Geografia, geograficidade e a poética do espaço: Patativa do Assaré e as paisagens da região do Cariri Ceará. **Ateliê geográfico**, v. 1, n. 1, p. 50-73, 2007.

SILVA, Gustavo Henrique de Abreu. **A paisagem musical rondoniense:** poéticas de uma urbanidade beradera. Tese (doutorado em Geografia). UFPR: Curitiba, 2016.

SILVA, Lidiene R; GONÇALVES, Luciléa Ferreira L. **Saberes ambientais, literários e artísticos:** estudo da geografia cultural no município de Imperatriz – MA. III SAPIENS: Imperatriz, 2019. Disponível em: <https://www.uemasul.edu.br/portal/wp-content/uploads/2021/01/anais_sapiens_uemasul_2019.pdf> Acesso em 08/12/2022.

SUZUKI, Júlio César. Geografia e Literatura: abordagens e enfoques contemporâneos. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, v. 5, p. 129-147, 2017.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Eduel: Londrina, 2012.

_____. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução: Lívia de Oliveira. Eduel: Londrina, 2013.